



GÊNERO E SEXUALIDADE: DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS

Rogério Goulart da Silva¹
Maria Regina Ferreira da Costa²
Fernanda Battagli Kropeniski³

PALAVRAS-CHAVE: relações de gênero; sexualidade; corpo

INTRODUÇÃO

Gênero e sexualidade: desconstruindo preconceitos teve como objetivo aproximar as meninas e os meninos nas discussões acerca das construções de gênero e sexualidade a partir das análises das observações e relatórios das aulas de Educação Física realizadas em uma escola pública da cidade de Curitiba – Paraná no projeto de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UFPR/2011. Neste trabalho apresentamos a experiência desenvolvida durante a Semana Cultural com alunos/as de 5º e 6º ano com o propósito de refletir e desconstruir a homofobia e o sexismo presentes no comportamento e na linguagem reafirmada no currículo escolar sobrepostos por disputas de saberes e significados.

METODOLOGIA

Neste trabalho enfocamos a experiência realizada em uma oficina com a finalidade de discutir e compreender os mecanismos e as formas de assimilações sociais e culturais sobre o corpo, relações de gênero e sexualidade. Além deste enfoque, verificar a possibilidade de minimizar preconceitos culturalmente naturalizados com alunos/as do 5º e 6º ano do ensino fundamental.

A oficina foi realizada durante a Semana Cultural na escola *lócus* do projeto, com três atividades distintas e inter-relacionadas a partir das observações nas aulas de Educação Física sobre o tema: a) *varal provocativo* com imagens, questionamentos que causou desconforto e curiosidade. Pois as temáticas trabalhadas estavam assentadas nos termos - preconceito, violência, diferenças, atividades estereotipadas (meninos x meninas), homossexualidade, direitos humanos, construção sócio-cultural de corpo; b) *labirinto* com questionamentos sobre: corpo (seu corpo biológico é masculino ou feminino?, Existe em seu corpo algo que você não gosta?, Se pudesse, o que mudaria em seu corpo?; O que mais lhe chama atenção nos corpos das pessoas? Por quê?); gênero (o que diferencia meninas de meninos?; existem diferenças entre as meninas? E entre os meninos? Exemplos.) e; sexualidade (Você já se sentiu atraída/o por alguém do mesmo sexo?; Qual sua opinião a respeito de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo? e, c) *aula expositiva* sobre corpo, gênero e sexualidade com debate sobre: as diferenças construídas sobre corpos que apresentam, biologicamente, as mesmas funções e funcionamento; as possibilidades impostas ao corpo feminino e ao corpo masculino; a existência de múltiplas feminilidades e masculinidades; relação entre corpo biológico, gênero e sexualidade, com determinações heteronormativas; os preconceitos sofridos pelas diferenças e distintas formas de relacionamento dos sexos e entre os sexos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

De um modo geral, observamos que os meninos e as meninas expressaram pensamento preconceituoso e determinado pelos padrões heteronormativos que definem o que é ser feminino e o que é ser masculino. A hierarquia de gênero é assimilada “naturalmente” de

modo que as mulheres são excluídas, diminuídas e subordinadas ao pensamento androcêntrico. Para Moreno (1999, p.23) “o androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça”.

As meninas são comparadas e julgadas desde os valores masculinos e não desde o seu desejo de ser e estar no mundo, isto é, desde a sua diferença. Garretas (1997, p.79) afirma que: “... a experiência de viver no corpo sexuado feminino é diferente da experiência de viver no corpo sexuado masculino.” Assim cabe ressaltar que a escola ensina a pedagogia de gênero que contribui para a consolidação da desigualdade entre homens e mulheres.

Conforme a expressão de Simone de Beauvoir citada por Louro (2009, p.35) “... ninguém nasce homem, mas se faz homem ao longo da existência”. Portanto, seguindo o mesmo raciocínio ninguém nasce mulher, mas se torna mulher.

Tratar do tema das relações de gênero e sexualidade no contexto escolar é enfrentar o tabu, o preconceito, o não saber. Mas, ao mesmo tempo é um modo de produzir reflexões-ações que diminuam preconceito e violência ou sensibilize meninos e meninas para os efeitos de tais atos.

Constatamos que a homofobia persiste e resiste nos modos de atuar e falar com destaque a homossexualidade masculina agredida frequentemente por meninas e meninos. As relações são marcadas pelo conflito e a escola é um lugar de relações de poder, marcado pela negociação das identidades. A instituição escolar configura-se como um dos espaços privilegiados na composição das identidades sexuais e de gênero, enquanto espaço de poder que regula, normaliza, nomeia e inculca modelos de feminilidade e masculinidade e da sexualidade heterossexual.

Assinalamos que a desconstrução dos processos de normalização da sexualidade é fundamental para compreensão de que a sexualidade é uma construção. A homofobia participa da ordem sexual e da hierarquia dos gêneros e das sexualidades, relacionando-se com o sexismo e com o machismo. Convém lembrar que a escola insiste e persiste na ideia da invisibilidade da diferença e da diversidade sexual.

Consideramos que a intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física ou nas ações do projeto com meninos e meninas na escola são fundamentais para a desconstrução dos estereótipos de gênero e sexualidade. Situações que associam violência e humilhação ao gênero e as sexualidades aparecem na escola possibilitando a problematização destes conceitos e hierarquização estabelecida, isto está na própria constituição da categoria e dos sujeitos. Na condição de professores/as, devemos atentar para os efeitos da linguagem porque a produção da “invisibilidade” camufla preconceitos:

Linguagem não é só efeito de palavras, mas também diz de formas de dizer, de entonação, de contexto, que interpela e constitui sujeitos. Assim, quando um menino chama o outro de ‘viadinho’ em sala de aula, mais do que ferir, esta utilização de linguagem, está constituindo os sujeitos, está definindo fronteiras, estabelecendo distâncias entre ‘nós’ e ‘eles’, está servindo para construir tanto homossexualidades quanto heterossexualidades (FERRARI, 2010, p. 42).

Ao refletir sobre gênero na escola, fica evidente que este espaço é constituído por (e constituinte dos) gêneros, fazendo-se necessário que professores e professoras estejam atentos aos seus discursos, à linguagem e aos gestos, ainda impregnados de preconceitos, tendo o cuidado com a discriminação de gênero e sexualidade.

A sexualidade independe da intenção manifesta ou não dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos

nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1997, p. 81).

CONCLUSÃO

Muito embora as questões de gênero e sexualidade perpassem dimensões que ultrapassam os muros da escola (envolvendo aspectos sócio-culturais e valores históricos, reforçados pela família, escola, igreja, mídia), é na escola que se encontra um dos lugares mais relevantes para a aprendizagem do sexismo e homofobia: se acrítica, ela ainda reforça modelos rígidos e estereotipados de homens e de mulheres, dos “normais” e dos “desviados”.

Como comprovam alguns extratos de debate registrado nas aulas, durante a execução de nosso projeto, motivado em torno das relações de gênero e do combate efetivo às relações sexistas, ao preconceito e à heteronormatividade, promove o reconhecimento de desigualdades e discriminações na escola, propiciando, assim, um entendimento dessas relações e contribuindo para sua indispensável mudança.

Assim cabe ao professor ou professora problematizar o processo social e histórico que cria, inventa e produz as representações acerca dos sujeitos de gêneros e de sexualidades. É a hierarquia nos significados que produz a desigualdade.

REFERÊNCIAS

FERRARI, A. Homofobia na escola. In: Diretrizes Curriculares Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (versão preliminar). Curitiba, SEED/PR, p.40-54, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf. Acesso em 12/12/2012.

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 8.ed. Petrópolis: Vozes.

_____. Pensar a Sexualidade na Contemporaneidade. Cadernos Temáticos da Diversidade: Sexualidade, Curitiba, SEED/PR, p.29-35, 2009.

MORENO, M. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

Garretas, M.M.R. *El fraude de la igualdad*. Barcelona: Planeta, 1997.

FONTE DE FINANCIAMENTO: CAPES

¹ Doutor, UFPR, rogeriodeporto@gmail.com

² Doutora, UFPR, mariaregina_costa@yahoo.com.br

³ Licenciada em Educação Física, UFPR, nandabk_fer@hotmail.com